

arquitetura, de cor e de coragem

Angelo Bucci

2007

Texto para IAB PR

[de cor]

Meu primeiro contato com a arquitetura de Oscar Niemeyer não foi direto. Antes, conheci representações. Uma delas era a fachada do posto Alvorada que estaria localizado na via Anhanguera entre Ribeirão Preto e Orlândia. Então, era comum que eu visse também desenhos caricatos daquela fachada estampados numa espécie de cortininha de borracha que servia de pára-lamas dos pneus traseiros dos caminhões, como se eles divulgassem um posto de gasolina.

Quando, em seguida, entrei para a escola, talvez ainda com sete anos, aprendi algo sobre os principais edifícios de Brasília. Entendi que o posto Alvorada que eu conhecia, com o modelo da sua fachada, rendia homenagem ao palácio de mesmo nome, que servia de casa ao Presidente da República.

Qualquer criança brasileira, ainda antes de aprender a ler, sabe de cor alguns edifícios de Oscar Niemeyer. Sem fazer esforço e sem se dar conta disso, ela os sabe assim como aprende algumas brincadeiras, algumas músicas ou alguns jogos, enfim as coisas que todo menino sabe. Talvez os saiba com certa simplificação, sem saber por que e sem lhe interessar se terão ou não qualquer utilidade. É possível, numa escola primária pública brasileira, desenhar a giz alguns traços na lousa de uma sala de aula qualquer e todas as crianças reconhecerem ali o Palácio da Alvorada, a Catedral de Brasília ou o Congresso Nacional. Mais que isso, as próprias crianças são capazes de representar graficamente esses edifícios. Não creio que isso condicione nada ou que isso as faça mais ou menos aptas a qualquer coisa. Quero apenas destacar um traço particular da nossa cultura arquitetônica e o modo como as obras de Oscar Niemeyer se imprimiram no nosso imaginário.

Muito tempo depois, pela primeira vez, eu vi o arquiteto expondo a sua obra através de um programa de televisão. Os desenhos que ele fazia para representar seus edifícios eram claros e sintéticos. [De tal modo que, se eu o tivesse visto quando menino talvez pensasse que ele também falava do posto Alvorada]. Depois disso, eu o vi inúmeras outras vezes, sempre reproduzindo os mesmos desenhos sintéticos, como se fossem lições repetidas que ele nos passava com paciência daquilo que era essencial em cada uma das suas obras. No caso da obra de Oscar Niemeyer, a essência arquitetônica e a percepção desinformada que tem delas um menino parecem estar juntas.

Qualquer um daqueles meninos que decida dedicar-se, por exemplo, à arquitetura vai voltar recorrentemente às referências que traz de cor desde a infância, entre elas os edifícios de Oscar Niemeyer. Logo, ele percebe que aqueles edifícios não o decepcionam nem o traem. Cada um deles, que parecia tão simples a ponto de ser representado nitidamente num pedaço de borracha por um pintor de carroceria de caminhão, vai se configurando sucessivamente, vai revelando paulatinamente sua sofisticação, vai ganhando maior sentido à mesma medida que se adquire maior capacidade para percebê-lo. Também, as lições que eles trazem vão se desdobrando, como que abrindo novos capítulos e inaugurando outros assuntos. Assim, os edifícios de Oscar Niemeyer nos acompanham a vida inteira de um modo vivo, porque eles se constroem de sentidos junto conosco, e de um modo generoso, porque eles são claros e informam, eles expõem nitidamente as posições que carregam. Do mesmo modo, os croquis que pareciam sempre idênticos feitos repetida e pacientemente pelo seu autor vão se carregando de significados, como se fossem um desenho novo a cada dia sem que ele

precise lhes agregar nenhum novo traço.

Creio que qualquer arquiteto atuante no mundo de hoje foi, em alguma medida, um daqueles meninos brasileiros.

[de coragem]

Hoje, quando penso nos edifícios que Oscar Niemeyer desenhou para Brasília um aspecto que se sobressai para mim é a coragem. Ele recusou recorrer a qualquer configuração arquitetônica consagrada pelas ilustres sedes de governo existentes no mundo. Em vez disso, desenhou os edifícios oficiais, e de representação do país, como nunca se tinham visto antes: Palácio do Alvorada, Catedral de Brasília e Congresso Nacional, para ficar apenas nos meus três exemplos infantis. Coragem, aqui, quer dizer a capacidade de um intelectual, ou artista, servir-se abertamente do campo de possibilidades do seu contexto [sem restringir-se ao que a atividade consagrou ou sem repetir os procedimentos institucionalizados] e, ao mesmo tempo, formular as suas proposições com liberdade suficiente para configurar um possível até então não revelado. O novo e a surpresa que o arquiteto sempre diz buscar, pressupõe essa coragem de não temer os “erros”. Ou melhor, não temer aquilo que escapa às regras, aquilo que um sujeito estritamente obediente ao código consagrado pela atividade não ousaria fazer. Oscar Niemeyer não vacila. Ele, que conhece perfeitamente o código e não lhe faz nenhum descaso, não se conforma nem se restringe pelo consagrado. Ele se arrisca. Posso mesmo dizer que, cada vez mais, o que admiro sobretudo em Oscar Niemeyer são os “erros” que ele se permite. É como se a arquitetura tivesse letra e música. E ele transgredisse a letra para ser mais fiel à música. Ele ousa calculadamente “errar”, ou aquilo que não se poderia fazer impunemente, e o resultado é a perfeição! Assim, as transgressões dele são incorporadas ao código consagrado pela atividade e, desse modo, ele amplia para todos o nosso campo de possibilidades.

Essa sua coragem, creio, aproxima a idéia de arquitetura da idéia de vida. Como se juntasse duas coisas que ele nos expõe, didaticamente, em oposição numa das suas lições incansavelmente repetida: arquitetura não tem importância, o importante é a vida. Não discordo. Ao contrário. É, justamente, para concordar ainda mais com ele que eu me pergunto: Que vida? Que arquitetura? Aos cem anos de idade, Oscar Niemeyer trabalha todos os dias e está dedicado a uma dezena de projetos. Ao mesmo tempo, ele nos diz que arquitetura não tem importância. Entre o que ele faz e diz eu confio na sua franqueza e na sua integridade. Aqui, nessa aparente incongruência, eu encontro a sua lição mais valiosa, que já não sei dizer se é uma lição para ser aplicada à arquitetura ou à vida: Oscar Niemeyer trabalha como se arquitetura fosse a única coisa que lhe importasse e, ao mesmo tempo, não se dá importância individualmente porque sabe que a vida, assim como a arquitetura, não tem nenhum sentido nem futuro possível se tratada isoladamente.

Creio que todos os arquitetos atuantes no mundo de hoje sabem, sem sombra de dúvida, que Oscar Niemeyer tem razão.